

Didática da *Educação Física*

4

Educação Física e Esportes na Escola

Elenor Kunz

ORGANIZADOR



Editora UNIFAP

Sumário

Apresentação.....	9
Educação Física e Esportes na Escola, revendo teorias e práticas.....	13
<i>Elenor Kunz e Andrize Ramires da Costa</i>	
O Movimento Humano: entre o mundo vivido e o mundo pensado – “O Sobressalto”	33
<i>Antônio Camilo Cunha, Elenor Kunz, Aguinaldo Cesar Surdi</i>	
Encenação em Aulas de Movimento na Escola – três exemplos de aulas	49
<i>Reiner Hildebrandt-Stramann</i>	
Possibilidades Educacionais do Movimento Humano (Se-Movimentar) no contexto do mundo da criança e da Educação Física Escolar.....	67
<i>Wenceslau Leães Filho</i>	
A Formação Esportiva: atividade extracurricular na escola.....	87
<i>Rosalvo Luis Sawitzki, Luis Eugênio Martiny</i>	
Didática e Lógica Interna dos Jogos e dos Esportes.....	109
<i>Pierre Parlebas</i>	
Praxiologia Matriz e a Didática da Educação Física	129
<i>João Francisco Magno Ribas</i>	

Educação Física Escolar:
a necessidade da tensão permanente entre escola e sociedade 153

Maristela da Silva Souza, Fabrício Krusche Ramos

O Conteúdo da Educação Física Escolar como Sinônimo
de Atividade: reducionismo, implicações e possibilidades 171

Elizara Carolina Marin, Diego Luis Sauer, Maria Cecília Camargo Günther

Sobre os Autores Didática 4..... 195

O movimento humano: entre o mundo vivido e o mundo pensado

“O sobressalto”

Aguinaldo Surdi

Camilo Cunha

Elenor Kunz

1-Apresentação

A reflexão tenta mostrar dois mundos de ver o movimento humano e o corpo (corporeidade): o mundo da exterioridade materializado na ciência, na objetividade, no número - representantes do mundo pensado; e o mundo da interioridade materializado/espiritualizado no ser (ontologia), na subjetividade, na experiência, na fenomenologia - representantes do mundo vivido. Far-se-á neste escrito o elogio às dinâmicas fenomenológicas do mundo vivido, seus caminhos estruturantes e cheios de significado.

2.O Império da Razão

A passagem do mito à razão (na cultura ocidental) foi um marco determinante para um outro entendimento da realidade. Com a razão deu-se início a uma nova forma de entender o mundo. Razão contribuiu para a elevação do mensurável, do número, das leis, da generalização, do entendimento da causa - efeito, da previsão, da técnica, da tecnologia e da *ciência*.

Esta realidade (razão científica) foi assim, paulatinamente tomando conta do reino do conhecimento. Desde o helenismo tendo como grande representante Aristóteles (pai da ciência - defensor da observação e da experimentação...), foi depois expandida com o renascimento - Descartes, Bacon, Galileu, Copérnico, estruturando-se a valorização da consciência, da atividade crítica e criativa, da experiência objetiva como fonte de conhecimento. Este fato veio fazer uma rutura com o pensamento medieval de cariz teocêntrico, sustentado pelos dogmas e pelas verdades de Deus que até então se revestia (também) como uma sábia estratégia de organização social. Mais à frente outras manifestações se seguiram como por exemplo a Revolução Industrial, o iluminismo, a Revolução Francesa (igualdade, liberdade, fraternidade) que vieram propor a elevação de um *novo homem*.

A razão (ciência) surge assim como paradigma do conhecimento que prometia maior felicidade para o indivíduo e para a comunidade (polis), tomando como referência o sentido *interpretativo e de aconselhamento* - interpretar a história, as singularidades, as circunstâncias - dando soluções para o bem - estar individual e social. No entanto este *ideário* (da ciência) e contrariamente ao que fora prometido, ela chamou a si a presunção de *juízo e instrumentalização* transformando-se numa ideologia ao

serviço da política, da economia, da técnica. Este fato tem contribuído para um aumento das desigualdades sociais, econômicas e exploração do homem...

3 – Da fenomenologia à razão

A razão e o número parece atrapalhar a busca da verdade e o bem da polis. É neste contexto que emergem alguns pensadores (teoria crítica) como Nietzsche (1977) que vem criticar a forma rígida e sumária proposta pelos racionalistas – leis, lógica, número, mensurável, generalizável. O autor vem ao contrário dos positivistas fazer o elogio fenomenológico, ou seja, ao ser ontológico, a cada um, à experiência do homem, aos impulsos, às emoções, às vontades, às paixões que acabam por ser as fontes genuínas do *conhecimento e da ação*.

Dando continuidade a estas constatações, podemos dizer que na nossa realidade existem dois mundos distintos:

a) O mundo descrito pela ciência, pela matemática e pela técnica que entende a realidade como verdades objetivas - verdades da ciência.

b) O mundo vivido entendido como ser-no-mundo, mundo-experiência, sensível e subjetivo. O mundo vivido é o primeiro, é contemplativo, fenomenológico, ele surge antes da ciência, no entanto foi aprisionado por esta. A ciência moderna surgiu para simplificar a realidade através da descrição exata e da diferenciação de coisas que percebemos no mundo. A ciência mostra possibilidades de pensamento e ação, mas o mundo vivido dá-nos mais que possibilidades: *dá-nos nós mesmos. Que a técnica e a ciência existam sim, mas que não nos retirem de nós mesmos!*

A fenomenologia emerge assim como método através do qual os sujeitos se descobrem como seres no mundo e de uma comunidade de sujeitos abertos aos demais e envoltos nas dimensões históricas e culturais. O entendimento do mundo e das pessoas é valorizado pelas experiências subjetivas, pré-teóricas, pré-reflexivas...que depois darão razão e ciência. A ciência, apenas consegue tratar os fenômenos e indivíduos como algo objetivo, mas parece esquecer a origem - que é fenomenológica e subjetiva. A ciência ignora a grandeza da subjetividade, dos *eus* individuais, da cultura. Só acredita no mensurável na regra, na generalização. No entanto existe um primeiro mundo - mundo da fenomenologia - como o primeiro viver; e depois o mundo da ciência como o segundo de viver. No entanto a ciência faz-nos crer que as coisas idealizadas são melhores que as coisas percebidas por nós de forma direta e sentida. Mas as coisas parecem não serem assim!

“Nós geometrizamos um objeto, acontecimento, fato...que foi uma vez percebida e sentida no mundo” (Sokolowki, 2004, p.161). Essas coisas idealizadas (objetos, acontecimentos, fatos) como são “perfeitos” à luz da razão (numero, geometria) tendem a ser iguais em todos os lugares em que se encontram - não existindo consideração pelas diferenças. Desta forma entram em contraste com inúmeras variações que existem nas nossas percepções da realidade – com a realidade total e radical.

Neste envolvimento a fenomenologia vai reivindicar que as ciências matemáticas, o número, a fórmula não podem afirmar (só por elas) a própria existência. *A fenomenologia estuda as coisas como elas são - tem a sua própria precisão.*

No caso daquilo que anima esta reflexão - *o corpo/corporeidade/movimento humano* - eles têm sido predominantemente analisados do ponto de vista matemático, científico, biológico, mecânico... mas a fenomenologia diz o corpo e o movimento é mais do essas dimensões. O corpo (corporeidade) e o movimento é intencional e relacional, não esquece o social, o cultural o histórico naquilo de que de objetivo, subjetivo, intersubjetivo, sensível, congregam. A fenomenologia, pretende-nos assim, mostrar um mundo diferente ao já visto/racionalizado, onde a sua essência/realidade se mostra como origem que espera ser mostrada. Este fato é diferente do mostrado pela razão.

“Criar nada mais é do que deixar que a obra aconteça, que ela siga seu ritmo. O grande artista, o criador da vida, sabe seguir o fluxo, sabe deixar-se conduzir pelo mundo” (Haddock - Lobo, 2010, p.12).

4 – O Corpo e o movimento da razão: o mundo pensado, exteriorizado

O corpo/corporeidade e o movimento humano (no quadro da ciência positiva) privilegia (como temos vindo a referir) o previsível a técnica a ordem externa, baseadas em leis e intenção de desempenho. Essa construção da ciência em modelos quantitativos, traz-nos uma visão parcializada do entendimento do movimento humano.

Pegando nestas constatações e convocando agora a escola e a educação física vamos verificar que estas são tradicionalmente estruturadas em função do olhar, cognitivo-intelectual, afetivo-emocional e motor. No entanto o mundo cognitivo-intelectual é o mais trabalhado, pois corresponde ao mundo da razão e da ciência. A escola é um “locus” de legitimação da ciência, e da razão - o padrão. As questões relativas ao afeto, à emoção, ao lúdico, ao prazer, ao corpo que sente, vive e se manifesta (dados pela educação física fenomenológica e pelas artes) não se verificam, ou se se verificam estão *reduzidos a um minimus*. Corpos instrumentalizados, que não deixam expressar o que a criança/jovem tem dentro de si, parecem esquecer que todo o espaço e o tempo de criação é do campo da interioridade.

5 - O Corpo e o movimento da fenomenologia: o mundo vivido, interiorizado

Santin (1992) questiona essa visão moderna do movimento humano ao elogiar o sujeito/objeto, a matemática, as fórmulas, (controlo social) perguntando como se pode, pesquisar a vida ou a fenomenologia do vivo? Como decifrar sua mensagem? Como decifrar a linguagem da corporeidade?

Neste contexto eleva a defesa do conhecimento feito diretamente, sem leis, medições, onde brincar, jogar e se-movimentar são expressões de liberdade, criatividade, imaginação, originalidade, estética e arte. *O mundo vivido pela expressão fenomenológica*. O fenómeno é aquilo que se oferece à observação e à prática pura (ver, alcançar...), sem desvios, preconceitos, crenças (o positivismo é um sistema de crenças).

O movimento humano constitui-se assim como diálogo do homem com o mundo expresso na intencionalidade (que é diferente de intenção) e na totalidade. Descrever a essência através da redução fenomenológica dadora de significados materializados e espiritualizados na *intenção, essência, subjetividade, intersubjetividade, experiência, situação vivida*.

Este fato (como temos vindo a referir), é contrário ao movimento visto do ponto de vista científico (técnico), das regras, normas, padrões, onde a experiência vivida, sensível, lúdica, e de jogo... parece ter uma importância dispensável. Esta é a maior crítica à ciência positiva que oferece como base de investigação a análise *empírico – analítica e que tende a reduzir a realidade à quantificação* - corpo que se desloca no tempo e no espaço, visto, analisado, compreendido pelo número e pela fórmula.

Neste contexto Merleau-Ponty (2006), faz também uma crítica à ciência ao dizer que todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido - mundo onde fazemos nossas relações e tomadas de decisões mais significativas pelo sentir e perceber o mundo no estágio originário. *Mundo esse que deve ser a nossa primeira experiência e a ciência a segunda*.

O mesmo autor, procura encontrar uma alternativa ao mundo pensado apresentando o mundo da experiência primeira que é subjetiva, transcendental. Faz então o elogio ao retornar, reencontrar, restituir a experiência pré-consciente.

É neste contexto que emerge a defesa do *brincar, do jogo e do se-movimentar* tomando como referência a ideia de *parêntesis* (mundo da vida e do vivido), onde se encontra a imaginação, a criatividade, a sensibilidade, a autenticidade, a subjetividade, a intencionalidade, o sentir, a estética primeira. Este contexto é bem diferente do mundo padronizado da razão, onde as crianças recapitulam aquilo que os adultos (escola) assim entendem.

O mundo vivido constituísse assim, como solo primordial das experiências humanas (experiências originais). Neste patamar Hurssel (1986) refere que o mundo da experiência humana é considerado antes de qualquer tematização conceptual. O mundo-da-vida, o mundo da experiência originária, precede e é fundamento de todo o pensamento científico e filosófico.

O mundo da ciência anula o mundo da vida. Ainda não sabem que o mundo da vida é anterior ao da ciência. Este é o único (puro) que existia, e foi dominado pela ciência (fechado em si mesmo). O mundo da vida é o mundo das perfeições e imperfeições manifestado em emoções, afetos... o mundo da ciência é o mundo das “perfeições”. *A ciência não gosta das imperfeições*.

É neste mundo da vida que experienciamos a felicidade, a alegria, o brincar, o tempo e o espaço.

Ainda neste olhar, Merleau-Ponty (1999) fala do retorno ao *sensível*, contrariando a visão filosófica que sempre duvidou dos sentidos, identificando-os como fonte de erros

e de ilusão. Este retorno ao sensível é a forma primeira de existir no mundo e é aí que nos percebermos através do nosso corpo. *Sensibilidade e intuição que está antes da reflexão.*

5.1 – A excelência pela experiência do corpo

O individuo percebe (intuição) antes e pensar. Neste mesmo plano a criança faz aparecer um mundo anterior ao pensado no seu modo de ser. A criança questiona tudo o que percebe à sua volta, para depois adquirir consciência do mundo. Assim podemos perceber a procura de consciencialização. O mundo vivido é inesgotável para a nossa consciência. Cada órgão do sentido (corpo) interroga o objeto à sua maneira – maneiras autênticas. Podemos colocar a questão: Como podemos perceber o mundo vivido tal como ele nos aparece? A resposta parece simples: *pela experiência do corpo – pela corporeidade.*

O Sentir, o pensar, a subjetividade, a intersubjetividade, a comunicação, a linguagem, está ali no mundo vivido (pelo corpo). O mundo vivido valoriza o contexto histórico-cultural-político de cada um. Cada um tem seu mundo vivido (o já dado anterior) e deste mundo todos têm o que dizer. O mundo da ciência pelo contrário, diz por todos.

Neste contexto Merleau-Ponty (1999), refere que *toda a experiência* neste mundo vivido é corporal. O autor recupera o corpo esquecido pela filosofia clássica e coloca nele o fundamento de todo o conhecimento. Corpo não apenas mecânico, biológico...mas corpo animado por relações imaginárias com o mundo. O corpo é a origem e é a natureza de toda a cultura – é a própria cultura, por fornecer ao homem a oportunidade de viver, de criar e desvendar o mundo. Ele (corpo) não é algo passível como pensamos, mas sim, é o que nos possibilita que nos coloquemos em contato com os outros e com o mundo – *percepção e conhecimento do mundo pelo corpo.*

O mesmo autor, desenvolve também a ideia de “*campo fenomenal*” pela experiência direta do corpo no mundo vivido, aquém dos conceitos – *eu, o outro e as coisas.* A relação inseparável homem/mundo faz-se pelo corpo que mostra a consciência das relações com o mundo. É no campo fenomenal que se pode ascender à transcendência materializada/espiritualizada na contemplação do mundo, pelo “*corpo próprio*”, pelo “*corpo experiência*”.

O ser se abre com o corpo, o mundo se abre com o espaço e com o tempo, que faz o *corpo do mundo.* É neste sentido rico que podemos encontrar o conceito (genuíno) de *liberdade.*

O conceito de liberdade sublinha o *pôr-se em situação.* A alma faz-se corpo. O espírito que se encarna e revela na ordem de um milagre: *meu corpo, este velho conhecido e ao mesmo tempo estranho conhecido, tornou-se meu amigo!*

Na perspectiva fenomenológica de Merleau Ponty (1999) é pelo corpo que se dá a relação homem-mundo - “*eu vivo no mundo*”. O corpo como maior tributo à existência.

É na relação corpo que sente, pensa, cria, faz realidade e transforma o mundo que faz *nascer a consciência*.

O corpo tem o poder intrínseco de dar existência humana, expressa na sensibilidade, nas emoções, nos sentimentos, no subjetivo que vão traduzir a intencionalidade que se encontra na interioridade. Este fato é contrário a uma exterioridade onde o corpo se apresenta como mecânico, objetivo, homogêneo.

A criança está (vive) assim entre uma interioridade e uma exterioridade. No entanto a escola/educação (física) parece só dar, estimular, propor exterioridade. O próprio brincar que é a excelência onde se mostra intencionalidade é agora substituído com ordens vindas de fora – exterioridade, baseadas em teorias mecanicistas, idealistas, maturacionistas, onde tudo tem um tempo e um espaço de acontecimento (fases, etapas, progressões, erros a evitar, componentes críticas a concretizar – coisas da ciência) esquecendo os intervalos subjetivos e intersubjetivos a percepção do mundo vivido, a relações sujeito objeto - que são um mesmo, sem esquecer a dimensão ecológica – a história, a cultura, a identidade...

O movimento humano é o homem todo que age e se movimenta com uma intencionalidade - sua intencionalidade que é só dele e a ele diz respeito. As crianças são autores e atores da sua ação pela invenção, imaginação, criatividade, significação, intuição, fruição, símbolo, experiência, pré-reflexão. É aqui que se encontra o segredo de estimular e educar pessoas críticas e emancipadoras (Kunz, 1988).

Depois, depois sim, a dimensão ideológica, política e científica “poderão” entrar em cena e com ele a visão do movimento como coordenação motora, atitudes mecânicas, deslocamentos físicos, articulações motoras, ângulos biomecânicos, processos fisiológicos, energéticos...

Não devemos esquecer de que é pela passagem por aquele primeiro tempo e espaço que mais tarde se irão estruturar os gestos técnicos e táticos, a compreensão competitiva expressa no esforço, no trabalho, na afirmação, superação.

6 – O mundo vivido como estética primeira

6.1 – A ideia de estética

A ideia de *estética* está muito marcada com a *ideia do bom, do bem e do belo*. É por isso que no pensamento filosófico estética aparece como *ética – a boa ação*. (Camilo Cunha, 2012)

João Paulo II na sua Carta aos Artistas (1999) refere que "*Ante a sacralidade da vida e do ser humano, ante as maravilhas do universo, a única atitude apropriada é o assombro, e a beleza é o que pode provocar este assombro que entusiasma. Os homens de hoje e amanhã têm necessidade deste entusiasmo para afrontar e superar os desafios cruciais que se avistam no horizonte. Precisamente neste sentido foi dito, com profunda intuição, que a 'beleza salvará o mundo'. A beleza é o segredo do mistério e a chamada*

ao transcendente". *A função essencial da verdadeira beleza, já evidenciada por Platão, consiste em comunicar ao homem um "sobressalto" saudável, que o faz sair de si mesmo, o arranca à resignação ao conformar-se com o quotidiano, fá-lo também sofrer, como uma seta que o fere, mas precisamente desta forma o "desperta" abrindo-lhe de novo os olhos do coração e da mente, pondo-lhe asas, elevando-o.* (Discurso de Bento XVI aos Artistas, 2009).

É neste sentido fenomenológico que podemos perceber melhor a ideia de *arte* e de *estética*, dois conceitos que tanta falta fazem neste momento de crise do homem e da cultura – tempos de inautenticidade, de falta de valores axiológicos e estéticos que nos aprisionam.

Deste fato a educação (física) tem em si, traz em si uma *educação estética* correspondendo a um ato carregado de características iniciáticas. A estética diz respeito ao bem, ao bom e ao belo. *É o modo de sentir/pensar da sensibilidade* que mostra a interioridade do homem (sentimentos, emoção, coração, poesia), mostra a imaginação e a liberdade criadora – sentidos e significados na relação homem-mundo. A educação (física) não pode esquecer este eixo fundador - *o da interioridade*.

Este fato é contrário é ideia de homogeneização, racionalidade, indústria cultural, media, comunicação de massa que mostra um mundo da *exterioridade*. Nenhuma formação puramente intelectual pode alcançar a totalidade que é o ser humano.

A percepção estética é a mais clara vivência do caminho fenomenológico. O real constituísse assim como percepção, sensível (primeiro real). Este fato contraria a ideia de estética derivada do intelecto quando a razão, a ciência domina o objeto procurando reduzi-lo a determinações conceptuais (Drufrenne, 2002).

“Perante a arte o homem explora aquela região anterior ao pensamento, onde se dá o seu primeiro contato com o mundo” (Duarte Júnior, 1988, p.102).

A redução fenomenológica e a arte ambas procuram um sentido primeiro para o mundo, procuram chegar à essência do fenómeno, antes dele ser pensado (Merleau Ponty, 1999).

No mundo atual, a escola importou para o seu seio os dizeres e os fazeres do económico, do mercado, da previsão, do controle, da eficácia relegando para segundo plano a sensibilidade, a emoção, o afeto, o amor que afinal se constituem como a *interioridade* que dá (deveria dar) o verdadeiro sentido à educação e ao homem.

Neste sentido Mo Sung (2000), refere que a educação significa realmente salvar vidas, pelo amor, pela sensibilidade, pela essência e alegria.

A educação do gosto, a percepção estética, a consciência estética leva à percepção do mundo que se constitui como o primeiro momento do conhecimento. *A experiência da beleza tem que vir antes do ensino*. Antes de aprender música, devemos ouvir, contemplar, sentir... a música.

“Educar significa pois, permitir que o educando conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências” (Duarte Júnior, 1988, p.60). A criança deve ser feliz na escola, por isso devem deixá-la brincar, desenhar, cantar, pintar, esculpir, dançar, se-movimentar pela sensibilidade, pelos afeto e pelas emoções.

É neste quadro que emerge a *imaginação*, fenómeno tão importante para sentir, perceber e transformar a vida e o mundo. *“Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que aparece refratário ao conceito. Isso explica a desgraça do homem a quem falta imaginação: ele é cortado da realidade profunda da vida e da sua própria alma”* (Eliade, 1991, p.16).

O movimento iniciático (se-movimentar) faz parte (mostra) a ideia de obra de arte.

Analisando a várias dimensões da arte, Bosi (2009), refere que a obra de arte para o *ser* se constitui em três aspetos básicos e determinantes:

1 - O fazer/construção. É a criação de coisas que existem na natureza, na cultura e no ser – no próprio homem. Esta criação é da ordem da interioridade que mostra a beleza, a perfeição, a harmonia, manifestada pela paixão, pelo amor, pela expressão, pela intuição, pelo sentimento, *pelo fluxo*. Este fato irá dizer de cada um – técnica, estilo pessoal. Este fazer/construir está antes do fazer/construir ditado pela razão, pela técnica do molde, da norma.

2 - Conhecer/conhecimento. A arte é conhecimento na medida que é *mimésis* – possibilidade de construção de um novo mundo com esse novo conhecimento. Ver, pensar, sentir...para lá da racionalidade. O mundo se encontra fora da ciência, do modelo, razão e dentro do artista pela intencionalidade como forma de conhecer de conhecimento que pode trazer o novo.

3 – Experiência/expressão. Dá o exemplo da dança e do gesto corporal. Salienta que o corpo que baila busca incessantemente sair de si em busca do outro. O mundo interno e externo tocam-se na essência, no simbólico, no alegórico. *O eu - o outro*, unem-se antes de mais pelas forças internas, num relacionamento e criação autêntica.

Construir-conhecer-experiência pretende ilustrar a consciência artística que está para lá (cá) da cópia e do modelo. Não existe criação sem vida interior. A arte mostra o mundo pelo sentimento, emoção, interioridade, imaginação, intuição, sentimento. A arte mostra a essência da realidade, a intencionalidade da realidade que pela experiência, alegoria, símbolo tem a capacidade de mostrar o *novo original*. Este novo constitui-se como uma primeira metáfora, diferente da metáfora gasta da lógica produtiva, com valor de mercado.

“A arte faz ver a visão, falar a linguagem, ouvir a audição, sentir o corpo, faz emergir o natural da natureza, o cultural da cultura” (Chauí,1994, p.325)

7 – Investigar o mundo vivido

As vivências subjetivas e intersubjetivas do movimento humano são fundamentais para as crianças. Vivências baseadas no ser/subjetividade que mostram o agir, o perceber (consciência), o sentir e não apenas modelos de mundo.

Existem dois campos investigativos em relação ao movimento humano, que de alguma forma todos nós já conhecemos.

1 – *O campo que tem por base as ciências naturais.* O movimento concebido por uma direção externa - deslocamento do corpo físico no espaço e no tempo: biomecânico, articular, biológico, fisiológico, execução do movimento, quantificável. A aprendizagem do movimento não é do aluno mas é feita em função daquilo que o professor sugere. Os estudantes são concebidos como objetos nos quais deve ser implementado uma forma de entender o movimento. (Hildebrandt - Strmann, 2003, p.101). Neste olhar Marcelino (1997) refere que a lógica de produtividade (ciência) que impera na nossa sociedade roubou o lúdico das crianças. No entanto esquece que é devido ao mundo vivido e do que existe nele que a ciência teve origem e que se desenvolve (u).

2 – *Reflexão fenomenológica do movimento* vem defender a inseparabilidade entre sujeito e movimento - *pessoas que se movimentam*. Nós não podemos observar o salto mas sim homens saltando - sujeito que se movimenta num mundo (situação, contexto) com o qual esse movimento está relacionada (consciencialização). Portanto o movimento humano não deve estar separado da pessoa que o realiza e tampouco da situação/contexto em que ele ocorre, pois homem-mundo são inseparáveis e estão em relação permanente.

Trebels (1992), vem a este propósito falar da *teoria do movimento humano* como movimento próprio do sujeito que se move: *sujeito, situação/contexto, significado, consciência. Unidade primordial constituído pelo homem no mundo vivido.*

O *Se - movimentar do homem* é ao lado do falar, pensar...uma das muitas formas em que a unidade indivisível do homem e do mundo se manifesta. Não há portanto separação homem/mundo; sujeito/objeto; corpo/mente. *Há sim um diálogo do se-movimentar do homem. Uma intencionalidade original, pura, inicial, um campo dialógico, um estar - no - mundo.* (Kunz, 1988, p.3).

É neste contexto que defendemos a utilização de *metodologias participativas* no campo investigativo materializada na imaginação metodológica, e em metodologias diversificadas (caso, observação participante, entrevista, fotografia, desenho...)

A criança é e não por aquilo que vai ser...**ainda não...um sobressalto!**

Referências Bibliográficas

- Bento XVI (2009) - Discurso de Bento XVI aos Artistas. In: Jornal de Notícias, 17 de Julho de 2012.
- Bosi, A. (2009). *Reflexões sobre a Arte*. (7ª Edição). São Paulo: Editora Ática.
- Camilo Cunha, A. (2012). *Educação Física: Caminho para uma Ética Universal*. (no prelo)
- Chauí. M.(1994). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática.
- Duarte Júnior, J.(1988). *Fundamentos Estéticos da Educação*.(2ª Edição) Campinas. São Paulo: Papirus.
- Drufrenne, M.(2002). *Estética e Filosofia*.(3ª Edição). São Paulo: Perspetiva.
- Eliade, M. (1991). *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hildebrandt - Stramann, R.(2003). *Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física*.(2ª Edição). Ijuí: Unijuí.
- Husserl, E. (1986). *A Ideia de Fenomenologia. Textos Filosóficos*. São Paulo: Edições 70.
- Marcelino,N. (1997). *Pedagogia de Animação. Campinas*. São Paulo: Editora Papirus.
- Merleau-Ponty, M.(1999). *Fenomenologia da Percepção*.(2ª Edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M.(2006).*Psicologia e Pedagogia da Criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nietzsche, F.(1977). *A Gaia Ciência*. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Pensadores.
- Santin,S.(1992). *Educação Física: Uma abordagem Filosófica da Contemporaneidade*. Ijuí:Unijuí.
- Sokolowki, R. (2004). *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Trebels, A.(1992). Plaidoyer para um Diálogo entre Teorias do Movimento Humano e Teorias do movimento do Esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, nº13, V.3, pp.338-344.
- Kunz, E.(1988). *Movimentização*. I Congresso de Educação Física da APEF. Florianópolis.

Referências Bibliográficas

- Bento XVI (2009) - Discurso de Bento XVI aos Artistas. In: Jornal de Notícias, 17 de Julho de 2012.
- Bosi, A. (2009). *Reflexões sobre a Arte*.(7ª Edição). São Paulo: Editora Ática.
- Camilo Cunha, A. (2012). *Educação Física: Caminho para uma Ética Universal*. (no prelo)
- Chauí. M.(1994). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática.
- Duarte Júnior, J.(1988). *Fundamentos Estéticos da Educação*.(2ª Edição) Campinas, São Paulo: Papirus.
- Drufrenne, M.(2002). *Estética e Filosofia*.(3ª Edição). São Paulo: Perspetiva.
- Eliade, M. (1991). *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hildebrandt - Stramann, R.(2003). *Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física*.(2ª Edição). Ijuí: Unijuí.
- Husserl, E. (1986). *A Ideia de Fenomenologia. Textos Filosóficos*. São Paulo: Edições 70.
- Marcelino,N. (1997). *Pedagogia de Animação. Campinas*. São Paulo: Editora Papirus.
- Merleau-Ponty, M.(1999). *Fenomenologia da Percepção*.(2ª Edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M.(2006).*Psicologia e Pedagogia da Criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nietzsche, F.(1977). *A Gaia Ciência*. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Pensadores.
- Santin,S.(1992). *Educação Física: Uma abordagem Filosófica da Contemporaneidade*. Ijuí:Unijuí.
- Sokolowki, R. (2004). *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Trebels, A.(1992). Plaidoyer para um Diálogo entre Teorias do Movimento Humano e Teorias do movimento do Esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, nº13, V.3, pp.338-344.
- Kunz, E.(1988). *Movimentização*. I Congresso de Educação Física da APEF. Florianópolis.